

VII CONGRESSO DE NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO

MESA REDONDA: PROMOVER COMPETÊNCIAS NO SECTOR ALIMENTAR

O PONTO DE VISTA DA INDÚSTRIA AGRO-ALIMENTAR

Como sabem, o sector agro-alimentar é, seguramente, dos mais regulamentados e ‘vigiados’ sectores da actividade económica.

Qualquer problema associado à alimentação, assume uma dimensão mediática, quantas vezes desproporcionada, mas, sem dúvida, significativa, da respectiva importância para o consumidor.

A alimentação assume, para além disso, inúmeras vertentes: nutricional, sensorial, cultural, social,...

A transformação alimentar, seja assumida pela indústria ou realizada de forma mais artesanal, tenta dar resposta a essas mesmas vertentes: apresentar ao consumidor um produto seguro, com a melhor qualidade gustativa possível, que responda às exigências nutricionais de quem o compra, que se adequa ao seu estilo de vida, que apele às suas raízes e tradições ou que, alternativamente, lhe aponte novas vias ou momentos de consumo, ...

O sector alimentar é geralmente considerado como um sector tradicional e maduro, sinónimos de algum imobilismo e de uma certa incapacidade de resposta à evolução social e aos novos desafios do consumo, mas bastará visitar um qualquer dos nossos maiores e mais diversificados hipermercados, para perceber como aquele preconceito está tão errado.

Não apenas é possível verificar um elevadíssimo número de novas referências que praticamente todos os dias ‘inunda’ as respectivas prateleiras, como é igualmente possível verificar a enorme evolução verificada por exemplo ao nível da conveniência das embalagens ou da adequação dos produtos aos novos tipos de agregado familiar.

A resposta à evolução verificada nos últimos anos e aos desafios que se colocam para o futuro mais ou menos próximo, passa por empresas mais capazes de compreender o presente e antecipar esse futuro, passa por implementar sistemas de garantia que dêem expressão às boas práticas do sector, passa, sobretudo, pela existência de recursos humanos capazes de operar o presente e pensar o futuro.

A área dos recursos humanos tem sido, de forma algo ‘silenciosa’, das mais eficazes ferramentas de evolução do sector, seja por uma mais adequada contratação de novos colaboradores, seja pela formação contínua de um número cada vez maior de quadros do sector, seja ainda pela interacção entre profissionais com diferentes perfis formativos. Basta olhar para áreas como a gestão da qualidade, a gestão ambiental, os sistemas de gestão da segurança alimentar, a logística, o marketing ou a nutrição para perceber a multiplicação, no

seio das empresas, do número de técnicos com esses tipos de formação e, mais ainda, a enorme evolução da qualidade do trabalho desenvolvido.

Sendo um sector dominado por um conjunto relativamente reduzido de grandes empresas, é ao nível das PME's, quando não mesmo das micro-empresas que o sector efectivamente se estrutura. E é exactamente ao nível das empresas de menor dimensão que a captação de recursos humanos qualificados maior diferença introduz.

Recordo há quase quinze anos, no início da minha colaboração com a ANIL, o que então designamos, de forma algo irónica, como a 'batalha do engenheiro'. Na altura, muito poucas eram as empresas de pequenas e média dimensão que contavam com a colaboração de um quadro superior que fosse.

Essa batalha, felizmente ganha, teve implicações impensáveis naquele tempo. O número de incidentes com produtos do sector desceu para níveis muito muito próximos de zero, a qualidade das matérias-primas teve uma evolução histórica, a implementação de sistemas de garantia e de esquemas de certificação passou a fazer parte do quotidiano das empresas, a redução dos custos da não qualidade passou a ser encarada como um imperativo.

No entanto, como todos sabemos, estes são tempos de uma evolução a uma velocidade incomparavelmente mais rápida do que aquela que foi vivida por qualquer geração anterior à nossa. Tudo se processa à velocidade de um clic, todos os calendários são encurtados e tudo aquilo que num determinado momento parece estabilizado, é colocado em causa no momento seguinte.

A informação flui rapidamente e de forma descontrolada. É hoje possível receber a mesma mensagem no mesmo dia, de dezenas de origens diferentes e perceber como, por exemplo, a imagem de um produto pode ser seriamente abalada por uma qualquer mensagem desonesta que seja veiculada de forma expedita. Quem não se recorda da história da 'reciclagem' do leite da caixinha ou dos alegados perigos associados ao consumo de uma conhecida bebida láctea probiótica.

Estes são também os tempos em que nada é mais premente do que defender os direitos individuais de cada um, em que se passam horas e horas a discutir os direitos das minorias ou as pomposamente chamadas causas fracturantes, mas em que, ao mesmo tempo e a 'coberto' do politicamente correcto, se pretende reeditar os filmes dos anos 50 para retirar o cigarro da mão do Humphrey Bogart ou se pretende cobrar dois bilhetes de avião a um passageiro obeso.

Há relativamente pouco tempo um estudo realizado a pedido da Associação que represento e que pretendia dar algumas pistas sobre a evolução dos perfis de consumo no médio/longo prazo, indicava como principais 'driving forces', em relação ao produto, os factores Prazer, Apresentação e, muito especialmente, Saúde.

Hoje, o vector Saúde é fundamental nas decisões e opções dos consumidores. Muitos são os que entendem que às mudanças do seu estilo de vida ou à incapacidade de alterar estilos de vida menos adequados, devem contrapor um maior cuidado com a sua alimentação e, consequentemente, com os produtos que adquirem.

Se a educação alimentar deveria ser um aspecto básico dos programas dos primeiros anos da nossa escolaridade e se parece não oferecer qualquer dúvida que essa educação deveria ser complementada com hábitos de exercício físico e, por exemplo, a promoção do desporto escolar, é também verdade que quer na elaboração desses materiais educativos, quer, mais tarde no aconselhamento à indústria e ao consumidor ou na definição das próprias políticas alimentares, são necessários profissionais bem formados e treinados.

Em relação à elaboração dos manuais escolares muito haveria a dizer, sendo que em alguns casos se fica com a existencial dúvida se estamos a educar ou a desinformar as nossas crianças, já no que se refere ao aconselhamento à indústria, os profissionais da área da alimentação e nutrição vêm adquirindo crescente importância, por exemplo:

- ao nível da detecção das deficiências nutricionais das nossas populações e da forma mais adequada de as suprir
- no apoio ao desenvolvimento do produto, seja ao nível da respectiva formulação seja da correspondente rotulagem
- no apoio à elaboração dos dossiers técnico-científicos dos produtos, dossiers de acrescida importância no quadro da nova regulamentação relativa às alegações nutricionais e de saúde dos produtos alimentares
- ao nível da colaboração nas linhas de apoio ao consumidor, avaliação de reclamações,...
- no apoio à elaboração dos materiais promocionais dos produtos, seja ao nível dos consumidores em geral, seja ao nível dos materiais mais direccionados para os profissionais da áreas da saúde e nutrição

Mas não se pense que esse apoio se restringe ao esforço de inovação ou aos produtos menos introduzidos nos nossos hábitos alimentares e como tal mais carentes de apoio técnico-científico à sua comercialização. Esse apoio é igualmente fundamental mesmo em relação aos produtos mais tradicionais e mais consolidados na nossa alimentação.

Socorrendo-me uma vez mais do sector a que estou ligado, basta entrar no vasto mundo da internet e com o apoio de um qualquer motor de busca digital a palavra leite. É absolutamente surpreendente o número de sítios cuja aparentemente única finalidade é a de denegrir aquela matéria-prima e a de desaconselhar, quando não mesmo diabolizar, o respectivo consumo. É aqui, como em inúmeras outras circunstâncias, fundamental o apoio dos profissionais da área de Nutrição no contacto com o consumidor e no apoio à comunicação.

A qualidade dos profissionais que trabalham na área do aconselhamento aos consumidores, é também muito importante para o sector alimentar. Quando qualquer um de nós se dirige a um nutricionista espera um aconselhamento profissional ao nível das alterações a introduzir no seu regime alimentar e em outras vertentes associadas ao seu estilo de vida. Pelo mérito que lhe é reconhecido e pela relação de confiança que normalmente se estabelece entre nutricionista e paciente, o primeiro acaba por se tornar no seu principal prescriptor de consumo.

É, pois, muito importante que o seu aconselhamento seja o mais adequado e específico relativamente a todos e a cada um dos seus pacientes e que seja baseado no seu conhecimento e na sua experiência e não em convicções meramente especulativas e no 'diz

que diz' ou no 'acho que'. Estou convicto que, com excepção de casos extremos, há, na diversidade da oferta de produtos alimentares presentes no mercado, muito espaço de manobra para os profissionais da área da nutrição, sendo que numa enorme maioria dos casos as objecções não se colocam ao nível do produto alimentar de per si, mas na forma mais ou menos adequada como o mesmo é ingerido.

Finalmente uma última referência para os nutricionistas e outros profissionais que estão hoje ligados à área da definição das políticas alimentares. Esta área é obviamente fundamental e crucial na indução de novas atitudes e comportamentos. No entanto, é muitas vezes ténue a linha que separa o estabelecimento de linhas de orientação da institucionalização de regras rígidas que facilmente se convertem em ditaduras alimentares.

A indústria, por motivos óbvios, convive mal com regras demasiado rígidas e com proibições que tendem a tolher o seu esforço de inovação. Assim, a aposta tem que passar, em grande medida por um esforço sério de auto-regulação no seio da própria indústria que iniba a necessidade de criar legislações tendencialmente proibicionistas.

A iniciativa Vitalidade XXI, promovida pela FIPA, é – a esse nível - um exemplo de razoável sucesso. Também a criação de entidades como o IBESA, o Instituto Becel, o Centro de Informação do Iogurte ou o Centro de Nutrição e Alimentação Mimosa, mesmo que associadas a empresas e produtos específicos, contribuem efectivamente para uma melhor resposta às preocupações nutricionais dos nossos consumidores. Estes são apenas alguns exemplos da colaboração crescente entre as empresas do sector alimentar, os profissionais da área da nutrição, as instituições de ensino que os formam e as suas entidades representativas, colaboração, que, estou certo, apenas poderá ser alvo de aprofundamento no futuro.

Porto, 28 de Maio de 2009

Pedro Pimentel